SAUDAÇÃO

Muito boa tarde a todos os presentes. Deixo uma primeira palavra de cumprimento para o senhor Dr. Fernando Mascarenhas e a Fundação da Casa de Fronteira e Alorna, pelo óptimo acolhimento, e para a Dra Leonor Sá, pelo grande dinamismo com que desde a primeira hora pôs em prática o Projecto SOS-AZULEJO, hoje uma referência incontornável no campo da Azulejaria.

É com muito empenho, enquanto historiador de arte, que participei em todos os júris nas edições (cinco, até agora) dos Prémios SOS-AZULEJO. Alegria maior, pela oportunidade de poder acompanhar mais de perto o crescendo de interesses por esta área e a qualidade multidisciplinar de que tem sido alvo nos últimos anos, tanto ao nível da História da Arte, como da Conservação e Restauro, da Museologia, da Criação Contemporânea, do Turismo Cultural, das novas tecnologias, ou das dinâmicas de difusão do Azulejo.

O galardão tem buscado, desde a primeira edição, premiar e destacar o que de melhor se realiza, nesses campos plurais, em torno desta modalidade artística. Devo dizer que a qualidade e a novidade se cruzam nos trabalhos dos concorrentes, atestando muitas vezes que nem tudo em Portugal é negativo nestes dias cinzentos e que, apesar de tudo, há ainda um largo espaço para afirmar os valores do Património como um bem comum a preservar, inventariar, salvaguardar e conhecer melhor. O Prémio homenageia também, anualmente, uma personalidade de indiscutível relevância no campo da criação e/ou da investigação. Este ano não foge à regra e premeia, como dentro de minutos terão oportunidade de verificar, um dos maiores pintores da História da Arte portuguesa de sempre.

Uma palavra se justifica para a Dra Leonor Sá, que realiza um trabalho profícuo que me permito destacar, como atestado consensual em nome do júri: a sua acção em SOS-AZULEJO, no contexto estratégico da Polícia Judiciária, é da maior importância nacional, não apenas no que toca à recuperação de bens extraviados e às medidas cautelares de protecção, mas numa perspectiva mais alargada em que a salvaguarda, o inventário, a conservação e o estudo científico se une como um corpo unívoco. Por essa razão mereceu ser galardoada, há uns meses, com o prestigiado Prémio EUROPA NOSTRA, que honra o país.

Enquanto membro de uma das instituições parceiras (a Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e a Rede Temática em Estudos de Azulejaria e Cerâmica J. M. Santos Simões, dirigido pela Doutora Rosário Salema de Carvalho) e como integrante do júri dos Prémios SOS-AZULEJO, saúdo mais uma vez as partes envolvidas. Destaco a importância da iniciativa, que continua firme neste esforço de valorizar o Azulejo nos seus vários aspectos, contribuindo assim para o desenvolvimento dos estudos, e abrindo campo a uma candidatura plural junto da UNESCO, que se prepara e aguarda: a candidatura do AZULEJO PORTUGUÊS a Património da Humanidade.

Impedido de estar presente por estar neste preciso momento, na Sorbonne-Paris IV, a arguir um doutoramento precisamente dedicado ao Azulejo do século XVII (de Céline Ventura Teixeira, «Du Potier au Peintre d’Azulejos: la genèse d’un art au temps des Philippe»), cabe-me saudar vivamente os integrantes desta cerimónia e cumprimentar os premiados. Bem hajam !